

#### 4. A relação entre Hesíodo e *Daniel*

Ao longo deste trabalho, ficaram evidentes, explícita ou implicitamente, os pontos de contato entre o *mito das cinco raças* e o *sonho da estátua de Nabucodonosor*.

A aproximação entre eles se dá, primeiramente, em termos das fontes de que se serviram. Muito anteriores a Hesíodo, elas brotaram na Antiga Mesopotâmia, berço da civilização humana. Os motivos e as características literárias, como vimos, estão presentes nesses paralelos orientais mais antigos.

As tradições orientais teriam chegado à Jônia antiga vindas diretamente com as tradições indo-européias ou através do contato com o Oriente Próximo na Era Micênica<sup>725</sup>. O tema da “justiça”, tratado nas obras de sabedoria orientais, foi retomado por Hesíodo para reflexão e exortação a partir de uma situação existencial do próprio poeta, conforme vimos.

Para o caso do *mito das cinco raças*, então, a evidência de que sua fonte original tenha sido o Oriente é maior ainda. Sua *concepção de história* não pertence à tradição grega; ele adapta um esquema que continha uma concepção mais antiga. A idéia de que a Era de Ouro, na qual situa Zeus, é o ponto de partida para um declínio crescente até chegar à sua época, a da Raça de Ferro, vai de encontro ao mito da sucessão presente em sua *Teogonia*. Com isso, podemos asseverar que alguns mitos, como o das raças, chegaram a Hesíodo através de outros canais, além da tradição épico-jônica e da *Teogonia*.

Outro dado que corrobora para isso é o fato de os heróis gregos quebrarem a seqüência lógica, a despeito da análise de Jean-Pierre Vernant, a qual, como vimos, tem suas limitações. Os heróis quebram a seqüência por serem mais justos que a raça anterior (*Erga*, 157-160), bem como pelo seu destino *post mortem* (quebra a diminuição progressiva das vidas gloriosas depois da morte). É bastante provável, por isso, que os heróis foram inseridos em um mito original sobre quatro raças metálicas, o que, na concepção de uma filosofia da história, pode ter sido feito até mesmo por um predecessor de Hesíodo<sup>726</sup>.

O fato é que Hesíodo adaptou esse mito com o intuito de servir ao seu propósito: a exortação contra a injustiça. Para tanto, acomodou muitos personagens

<sup>725</sup> WEST, M. L. *Hesiod, works and days*, p. 26.

<sup>726</sup> Cf. a p. 90 deste trabalho.

da *Teogonia*, como a nova concepção acerca da Éris. Ele recorre ainda às tradições dos ciclos épicos, o de Tebas e o de Tróia, na inserção da Raça dos Heróis no esquema.

Martin West, como vimos, acredita que esse e outros mitos se originaram na Mesopotâmia, e de lá se espalharam entre os persas, hindus, gregos, judeus e romanos, não necessariamente nessa ordem. Hesíodo teria sido a fonte única para os outros gregos e romanos, e talvez para os judeus. A definição da rota seguida pelos mitos e pelo esquema da sucessão é impossível de ser traçada com precisão. O certo é que todas as manifestações (inclusive em *Daniel 2*) têm uma fonte comum: o Oriente Antigo.

Para o caso de Hesíodo, além da proposta de duas possibilidades postulada por Albin Lesky<sup>727</sup>, West postula três possibilidades<sup>728</sup>:

(a) A tradição tomou forma na época micênica, quando os contatos com as culturas orientais eram relativamente grandes, e foi preservada pelos jônicos. Ou (b) ela tomou forma entre os jônicos em época relativamente tardia, digo, no oitavo século, sobre a influência oriental. Ou (c) a tradição jônica era uma tradição puramente grega, e os elementos orientais alcançaram a Beócia por uma rota distinta.

Segundo ele, a presença de material oriental também em Homero favorece as alternativas (a) e (b).

No caso de *Daniel*, o antigo *esquema de fases sucessivas* também está presente, com uma filosofia da história, combinado, como vimos, com o *esquema dos quatro reinos seguidos por um quinto que não tem fim* (a filosofia da história está presente também no capítulo 7). O redator, a exemplo de Hesíodo, também o adaptou com fins específicos. É provável que um dos seus objetivos era a propaganda política contra o império dominante, prática comum no período helenístico. O fato é que, por estar em situação de conflito (ou, no caso dos *relatos da corte*, de exílio), seu objetivo mais evidente foi a exortação e encorajamento à fidelidade ao Deus de Israel.

A exemplo de Hesíodo, também no caso de *Daniel* há três hipóteses, como vimos, para explicar a chegada do esquema ao redator macabeu: o contato se deu durante o cativeiro, quando, por intermédio dos babilônicos, os judeus tiveram acesso à cosmogonia antiga, ao zoroastrismo e a mitos e motivos orientais de uma

<sup>727</sup> Cf. a p. 41 deste trabalho.

<sup>728</sup> WEST, M. L. *Hesiod, works and days*, p. 29.

forma geral; o contato teria se dado já na época do Império Persa, receptor da cultura e das tradições caldeias; ou o contato se deu já na época helenística, quando, conforme vimos, o esquema da sucessão é largamente usado entre os romanos<sup>729</sup>.

Nesta última época, a profusão da cultura helenista através das conquistas de Alexandre levou o mundo a uma unidade cultural jamais vista. É aqui, com maior possibilidade, que a influência de Hesíodo pode ter se dado. Como asseveramos acima, ele foi a fonte para outros gregos e para os romanos, como, por exemplo, Ovídio nas *Metamorfoses*<sup>730</sup>. Tendo em vista que, conforme já assinalamos, o relato do *sonho da estátua compósita* é o de datação mais tardia dentre os relatos da corte, é bastante plausível que o redator macabeu tenha tido acesso ao *esquema das fases sucessivas da história* através de Hesíodo e ao *esquema dos quatro reinos seguidos de um quinto sem fim* através dos romanos. Este último esquema também, como vimos, é muito anterior a *Daniel*, e não surgiu em solo israelita.

No entanto, a exemplo de Hesíodo, o redator de *Daniel* também buscou em suas tradições *motivos* para a adaptação dos dois esquemas que utiliza: o reino messiânico, no motivo simbolizado pela “pedra”, e a idéia de que todos os reinos estão, em última instância, à mercê do Deus de Israel (muito comum, por exemplo, no *Dêutero-Isaiás*). Assim, tanto Hesíodo quanto *Daniel* 2 possuem uma filosofia da história, como acontece no hinduísmo e no zoroastrismo.

Além disso, tanto Hesíodo quanto *Daniel* deixam transparecer também o primitivo e comum *mito do paraíso primevo*: em Hesíodo na Raça de Ouro, onde os homens viviam regalados por Zeus, e em *Daniel* na época de Nabucodonosor, a “cabeça de ouro” da estátua compósita, o qual dominou “até sobre as aves do céu e os animais do campo”, domínio esse que, justamente por sua grandeza e superioridade, fez com que reinasse a paz.

Em relação a essa tradição comum, porém, *Daniel* se afasta de Hesíodo: ao passo que o redator macabeu espera o retorno ao estado primevo com a vinda futura e escatológica do reino messiânico, Hesíodo, pelo menos no *mito das cinco raças*, não possui uma escatologia apocalíptica otimista: ele não revela esperanças de mudança para a humanidade, a despeito da tentativa de Vernant em provar o contrário: “a decadência ameaça ser total, mas esse fim apocalíptico que se anun-

<sup>729</sup> Cf. os itens 2.4.1 e 3.7 deste trabalho.

<sup>730</sup> Cf. as p. 80-81 deste trabalho.

cia no horizonte da raça de ferro apenas ocorrerá se os homens não derem ouvidos à solene advertência do poeta”<sup>731</sup>. Hesíodo não usa o aspecto condicional nos verbos em que prevê o futuro aterrador da Raça de Ferro; ele prevê inclusive, como vimos, a presença de Zelo e a retirada de Aidós e Némesis dentre os homens, estas duas as últimas divindades que garantiam a vida comunitária da humanidade, asseverando no último verso do mito que “contra o mal não haverá defesa”.

Somente em outros pontos diversos dos *Erga* Hesíodo exorta positivamente, em caráter sapiencial, à maneira da poesia didática. Também não se pode provar pelo texto, como vimos, que o tempo em Hesíodo é cíclico.

Mesmo se afastando neste ponto, tanto Hesíodo quanto o redator de *Daniel* vivem em situações que desejariam, de certa forma, não viver; ambos almejam, no fundo, uma existência num mundo melhor: o primeiro clama por justiça<sup>732</sup>, e o segundo pela concretização de um reino há muito prometido pelo profetismo e não cumprido, reino esse que, certamente, seria mais justo e melhor, pois reflete o reinado messiânico. A situação particular de Hesíodo acaba levando-o a refletir sobre a *Dike* e a *Hýbris* de forma muito mais ampla que seu problema familiar; o mesmo ocorre com o redator de *Daniel*: como vimos, seu marco social é muito mais amplo que os judeus em Jerusalém sob a perseguição de Antíoco IV, estendendo-se aos judeus de toda a diáspora oriental.

Pela validar a mensagem, tanto Hesíodo quanto o redator macabeu apelam para o aspecto mítico-lendário: o primeiro se diz inspirado pelas Musas da Piéria para transmitir toda a verdade (ἐτήτυμα) que vem, em última instância, do próprio Zeus, autor da justiça, pois as Musas são porta-vozes deste (*Erga*, 1-10); o segundo apela, como vimos, para uma figura lendária do passado, reconhecida e notória pela sua justiça e retidão, podendo ser portadora, então, de revelações secretas vindas de YHWH, bem ao estilo apocalíptico.

A partir das fontes comuns, é nesse gênero que se dão as semelhanças literárias entre Hesíodo e *Daniel*, apesar dos idiomas distintos. Podemos afirmar, inclusive, que ambos os relatos pertencem ao mesmo gênero: o apocalíptico.

Já vimos que o *sonho da estátua compósita* é um *apocalipse histórico* (quando é feita uma inspeção da história que conduz a uma crise escatológica,

<sup>731</sup> VERNANT, Jean-Pierre. Método estrutural e mito das raças. In: \_\_\_\_\_. *Mito e pensamento entre os gregos*, p. 117.

<sup>732</sup> A “díke representa todo o ideal de Hesíodo” (AUBRETON, Robert. *Introdução a Hesíodo*, p. 19).

sem referência a viagem a outro mundo), seu meio de revelação é a *visão de um sonho simbólico* e o conteúdo dessa revelação é a *profecia ex-eventu* do tipo *periodização da história*<sup>733</sup>. Vimos também que a *apocalíptica quanto mentalidade* abarca uma série de formas de expressão (chamadas por alguns autores de “subgêneros”)<sup>734</sup>, por vezes transformando gêneros tradicionais em formas híbridas. Podemos incluir, entre essas formas de expressão, o *mito*.

Muitos níveis literários diferentes podem ser discernidos a partir de um texto. J. J. Collins assevera que:

Uma forma literária particular pode ser considerada como um gênero independente ou como um subtipo de uma categoria mais ampla. O nível de abstração apropriado ao gênero é determinado em parte pelo uso comum e em parte pelo grau de coerência que percebemos dentro de um grupo de textos. Em um certo nível, as obras que são chamadas de apocalipses pertencem à categoria *mito*, em qualquer dos vários sentidos, e.g., como uma história sobre seres sobrenaturais, ou como uma expressão simbólica de intuições básicas, ou como uma narrativa com propósito de percepções questionadoras. Não obstante, o mito é uma categoria muito mais ampla do que o apocalipse; assim, o gênero desses textos pode ser definido mais proveitosamente em um nível menor de abstração<sup>735</sup>.

Assim sendo, o gênero literário deve levar em conta também a forma do texto (estrutura, elementos formais), além de seu conteúdo. Só assim o nível de abstração na classificação será menor. Em todo caso, ainda assim diferentes níveis podem ser abstraídos de um texto individual.

Já o *mito das cinco raças*, então, pode ser classificado como um *mito existencial clássico*<sup>736</sup>, mas pode ser classificado também, a exemplo do *sonho da estátua composta*, como um *apocalipse histórico*, tendo como meio de revelação o *mito*; seu conteúdo é a *periodização da história* (apesar de não ter a *profecia ex-eventu* presente na definição de Collins) e, no caso da última raça, as *predições escatológicas* em forma de presságios e agouros.

Observamos neste trabalho que as raízes da apocalíptica remontam a período muito anterior ao livro de *Daniel*, em solo judaico; o fenômeno apocalíptico, numa perspectiva da religião comparada, insere a apocalíptica judaica num contexto muito mais amplo, como o da apocalíptica iraniana, entre outros. As influências estrangeiras na apocalíptica judaica (babilônicas, persas), tanto em termos de moldura quanto em termos de idéias e motivos, assinalam que o gênero era já

<sup>733</sup> Cf. as p. 97-98 e 181-182 deste trabalho.

<sup>734</sup> Cf. o item 2.2 desta dissertação.

<sup>735</sup> COLLINS, J. J. *Daniel, with an introduction to apocalyptic literature*, p. 4 (grifo do autor).

<sup>736</sup> Cf. a classificação na p. 36 deste trabalho.

conhecido no Oriente Antigo, sendo ponto pacífico que Hesíodo sofreu tais influências. Mesmo que a origem da apocalíptica tenha se dado na sabedoria, como postula Von Rad, esta também era praticada, como vimos, no Oriente bem antes de Hesíodo e dos sábios de Israel.

De fato, em relação a este último ponto de contato, não deixa de haver também, tanto em Hesíodo quanto em *Daniel 2*, o aspecto sapiencial: Hesíodo dirige sua mensagem, no todo do poema, com o intuito de exortar e admoestar ao irmão e aos juizes (mesmo atestando sua descrença com a escatologia pessimista em relação à Raça de Ferro); *Daniel 2* remonta ao sábio José, do *Gênesis*, sendo o próprio personagem figura lendária da sabedoria antiga. De qualquer forma, como assinalamos anteriormente, a apocalíptica possui o elemento sapiencial.

Várias características apocalípticas aproximam *Daniel 2* do mito de Hesíodo. Ambos possuem o dualismo: Hesíodo contrapõe *Dike* e *Hýbris*, especialmente na última raça, quando elas estarão lado a lado (“bem (e) desgraças estarão misturados”, v. 179); já *Daniel 2* contrapõe o último reino, o “reino sem fim” (expressando seu caráter escatológico), aos reinos anteriores, terrestres, que aquele destruirá. Ambos possuem também uma *filosofia da história* própria, com determinismo apocalíptico imposto a ela.

Tanto o mito de Hesíodo quanto *Daniel 2* possuem a *escatologia apocalíptica*, com sua ênfase mais na consumação da história do que no curso dela<sup>737</sup>. No poeta grego isso se dá especialmente na Raça de Ferro, época em que Hesíodo se coloca como contemporâneo. Esse final, como sempre, inclui catástrofes e desmandos, o *reinado da pura Hýbris*<sup>738</sup> em Hesíodo, e a destruição cataclísmica da estátua (que simboliza os reinos terrestres) em *Daniel 2*. Ambos se mostram pessimistas em relação à intervenção humana para mudança do curso da história e no estado de coisas presente. A diferença é que, como assinalamos acima, *Daniel 2* é otimista em relação ao reino que será implantado escatologicamente; provavelmente isso se deve pela adaptação do outro esquema, o dos *quatro reinos sucessivos seguidos por um quinto que não tem fim*, o qual foi utilizado por ser propício ao *motivo do reino messiânico* que os judeus tinham em mente, cuja esperança bem servia aos propósitos do redator macabeu.

Em relação ao mito de Hesíodo, sabe-se que o tema do colapso nos laços

<sup>737</sup> Cf. a p. 100 deste trabalho.

<sup>738</sup> Expressão cunhada, como vimos, por Jean-Pierre Vernant (cf. a p. 86, nota 344 deste trabalho).

familiares e nos costumes que aparece na descrição da Raça de Ferro (v. 182-188) é característico das profecias orientais acerca do fim dos tempos<sup>739</sup>. Essa última raça é marcada por muitas aflições também no *Bahman Yasht* persa e no *Mahabá-rata* indiano. Hesíodo a descreve como pertencente a uma época de ingratidão, desprezo pelos juramentos e pela justiça, opressão dos maus sobre os bons, com a retirada, por fim, de Aidós e Némesis de entre os homens (*Erga*, 197-200). A imagem das crianças nascendo já com cabelos brancos (γεινόμενοι πολιοκρόταφοι, v. 181) aponta para o fato de que a morte já estará bem próxima do nascimento; esta raça é a que tem a duração de vida mais curta<sup>740</sup>.

Uma outra diferença apocalíptica entre Hesíodo e *Daniel 2* é que a *profecia ex-eventu*, presente neste, não se dá no caso de Hesíodo.

Enfim, os pontos de contato são em muito maior quantidade do que as diferenças, o que, certamente, não deve ser fruto do mero acaso. Eles se dão, como vimos, em termos de fontes, estrutura, marco social e gênero literário.

<sup>739</sup> A *Profecia de Neferti* (cerca de 2000 a.C.) relata: “Eu revelo a você o filho como um adversário, o irmão como um inimigo, e um homem matando o seu próprio pai” (cf. PRITCHARD, J. B. (Ed.). *ANET*, p. 445). Da mesma forma, várias profecias do Antigo e do Novo Testamento, bem como do período interbíblico, como Is 3,5; Mq 7,2-6; Mc 13,12 e 4 Esd 6,24 (neste último, cf. a expressão γεινόμενοι πολιοκρόταφοι τελέθωσιν, “nascendo já em sua plenitude, com fontes encanecidas”, presente nos *Erga*, 181).

<sup>740</sup> Tal assertiva lembra a profecia de Cristo em Mt 24,22: “E se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma vida se salvaria. Mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados”.